



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTORIA

JOSÉ EUGEMBERG DE OLIVEIRA SILVA

O FEMININO NA LITERATURA DE CORDEL: ASTÚCIA, INSUBMISSÃO,
GANANCIA E TRAIÇÃO.

CAMPINA GRANDE-PB
MAIO-2016

JOSÉ EUGENBERG DE OLIVEIRA SILVA

O FEMININO NA LITERATURA DE CORDEL: ASTÚCIA, INSUBMISSÃO,
GANANCIA E TRAIÇÃO:

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Área de Concentração: Humanas

Orientadora: Prof. Dra. Ofélia Maria de Barros

CAMPINA GRANDE-PB
MAIO-2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586f Silva, José Eugenberg de Oliveira
O feminino na literatura de cordel [manuscrito] : astúcia
insubmissão, ganancia e raição / José Eugenberg de Oliveira Silva.
- 2016.
37 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dr. Ofélia Maria de Barros,
Departamento de História".

1. Cordel. 2. Estereótipo. 3. Feminino. I. Título.
21. ed. CDD 907.2

JOSÉ EUGENBERG DE OLIVEIRA SILVA

O FEMININO NA LITERATURA DE CORDEL: ASTÚCIA, INSUBMISSÃO,
GANANCIA E TRAIÇÃO:

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia
apresentado ao curso de História da Universidade Estadual
da Paraíba-UEPB, como requisito parcial à obtenção do
título de licenciado em História.

Área de Concentração: Humanas

Orientadora: Prof.^a. DR.^a. Ofélia Maria de Barros

Aprovado em: 24/05/2016

BANCA EXAMINADORA

Ofélia Maria de Barros

Prof.^a. Dr.^a. Ofélia Maria de Barros (orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

José Pereira de Sousa Junior

Prof.^o Dr. José Pereira de Sousa Junior.

Aline Praxedes de Araújo

Prof.^a Ms. Aline Praxedes de Araújo.

Dedicatória

A minha mãe pelo apoio, dedicação e companheirismo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) pela oportunidade de ingresso no ensino superior.

Aos professores do curso de História da UEPB, e especial a professora Auricelia Lopes, ao professor Anselmo Ronsard, à professora Vanuza, à professora Priscila Formiga e ao professor Roberto Muniz pela dedicação e presteza sempre que necessário. A minha supervisora do PIBID, Graça Almeida.

À orientadora Prof.^a DR^a Ofélia Maria de Barros pelas sugestões de leituras e apoio ao longo de toda elaboração deste trabalho.

Aos meus avós Maria de Lourdes e Milton Jesuíno (in memoriam), embora fisicamente ausentes, lembro-me do seu incentivo aos meus estudos.

Aos colegas de curso pelos momentos de solidariedade amizade, apoio e parceria ao longo de todo o curso.

Epígrafe

Todo discurso sobre temas clássicos como abolição da escravatura, a imigração europeia para o Brasil, a industrialização ou o movimento operário, evocava imagens da participação de homens robustos, brancos ou negros, e jamais de mulheres capazes de merecerem uma maior atenção. (Rago,1995)

Resumo

O Feminino na Literatura de Cordel: Astúcia Insubmissão, Ganância e Traição – tem como foco central pensar a construção do feminino a partir da literatura de cordel. Através da análise desse artefato cultural literário, o cordel, cujas marcas se delineiam pela sua popularidade marcada por uma tradição arcaica e tradicional, o cordel tem entre um de seus temas centrais a mulher, e nesse sentido, apresenta-se como uma literatura construtora do feminino. Dado o seu arcaísmo e a formação cultural de seus tradicionais autores, em sua grande maioria homens com pouca formação escolar, essa literatura carrega nos estereótipos e vem marcada pelo padrão ocidental heteronormativo, branco e cristão, reafirmando, portanto, os lugares convencionais naturalizados do masculino e do feminino. Nesse sentido, definimos como objetivo central da presente escrita pensar essa literatura como uma das fontes de construção e reafirmação dos papéis tradicionais do masculino e do feminino, bem como, da ênfase nos estereótipos de negatização do feminino. Para tanto, utilizamos como fonte de pesquisa o cordel, pensando-o como um documento histórico. Como suma conclusiva, observamos que embora essa literatura ainda tenha como marca central os pontos acima mencionados, porém por se tratar de um artefato, isto é, uma construção, essa mesma literatura mantendo algumas de suas características como principalmente a sua popularidade, poderá se transformar-se num meio de quebra desses mesmos padrões e estereótipos que a definem no presente.

Palavras-chave: cordel, feminino, construção.

ABSTRACT

The Female in Cordel Literature: Cunning insubordination, Ganancia and Treason - has as its central focus think the construction of the female from the string literature. Through analysis of this literary cultural artifact, the line, whose brands are outlined by its popularity marked by an archaic and traditional tradition, the line is between one of its central themes the woman, and in this sense, is presented as a construction literature female. Given its archaism and the cultural background of their traditional authors, mostly men with little schooling, this literature carries stereotypes and is marked by heteronormative Western pattern, white and Christian alike, so the conventional places male naturalized and feminine. In this sense, we define the central objective of this writing thinking this literature as one of the construction supplies and reassertion of traditional roles of male and female, as well as the emphasis on female negativation stereotypes. Therefore, we use as a source of research the line, thinking it as a historical document. As conclusive summary, we note that although this literature still has a central mark the points mentioned above, however because it is an artifact, ie a building, the same literature keeping some of their characteristics as mainly its popularity, could become If a means of breaking these same patterns and stereotypes that define the present.

Keywords: string, female, building.

SUMARIO

Introdução	10
Capítulo I.	12
1.0 O CORDEL COMO DOCUMENTO HISTÓRICO	12
1.1 O surgimento e a Popularização da Literatura do Cordel	12
1.2 O Cordel Enquanto Discurso.....	13
Capítulo II	15
2.0 A MULHER NA HISTÓRIA E NO CORDEL	15
2.1 A historiografia da Mulher dos anos de 1980	16
CAPITULO III	18
3.0 O CORDEL E A MULHER	18
3.1 A mulher que colocou o diabo dentro de uma garrafa	18
3.2 Sansão e Dalila	20
3.3 Dona Flor e Seus dois Namorados.....	21
3.4 O Homem gosta de mulher e mulher gosta de dinheiro.....	22
3.5 O Bataclan Moderno	24
3.6 A Mulher de Antigamente e a Mulher de Hoje em Dia.....	26
3.7 Anayde de Beiriz: Política Inspiração e tragédia	28
3.8 A Chegada da Prostituta ao céu.	29
4.0 Considerações Finais	32
5.0 Referencias	34
5.1 Referencias de cordéis	36

Introdução

Conforme Borges (2010) todo documento seja ele literário ou de qualquer outro tipo é representação do real que se pretende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído e pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita.

Assim a literatura de cordel bem como outros recursos literários e artísticos ganham status de fonte de pesquisa na produção de trabalhos acadêmicos, levando em consideração suas características próprias na configuração de narrativas que expressam uma realidade sociocultural, sujeitos históricos, povos, regiões e neste caso, o feminino.

A promoção da literatura de cordel a objeto de pesquisa se dá na medida em que surge várias produções acadêmicas, entre as quais podemos destacar o trabalho de Ângela Grillo, 2013. *Evas ou Marias? As Mulheres na Literatura de Cordel: Preconceitos e Estereótipos*, cuja proposta será discutir os preconceitos e estereótipos da mulher na literatura de cordel.

A escolha do tema justifica-se, aqui, pela crítica aos discursos que naturalizam os papéis sociais que historicamente foram atribuídos a mulher, entre eles, o de mãe, esposa e doméstica acrescida da prerrogativa da passividade, da fragilidade e conseqüentemente da reclusão ao espaço doméstico e da necessidade da proteção masculina, com destaque nessa análise para os estereótipos do feminino entre eles as astúcias, a insubmissão, a ganância, a vaidade e a traição, prerrogativas próprias dos atributos negativos da mulher. A crítica a esse pressuposto parte da análise e utilização de conceitos como “recepção” e “consumo” (CERTEAU, 1998).

Do ponto de vista metodológico o trabalho teve como base a pesquisa documental a partir da transcrição de textos fotografados dos cordéis que se encontram disponíveis na biblioteca Atila Almeida da UEPB, cordéis que foram adquiridos por empréstimos e pesquisados em sites como o CPDOC-DOC-VIRT, da Fundação Getúlio Vargas, além dos obtidos em bancas de jornal e em feiras na cidade de Campina Grande-PB.

Apesar de havermos analisados ao longo da pesquisa cerca de mais de 30 folhetos de cordéis, haja vista, que o presente trabalho é um desdobramento do projeto de pesquisa do PIBIC – cota 2013, coordenado pela professora Ofélia Maria de Barros, Intitulado – *Nas obras do discurso e da memória: mulher, violência e astúcias* -, especificamente para esse trabalho selecionamos um total de oito cordéis, que entendemos como os mais significativos para a nossa análise, que são eles: *A Mulher que Colocou o dia Dentro da Garrafa*, J. Borges, 2012 *Sansão e Dalila*, João Jose da Silva, 2012; *Dona Flor e seus dois Namorados*,

Bastinha Jobs; *O Homem gosta de mulher e a mulher gosta de dinheiro*, José Leite da Costa; *O Bataclan Moderno*, Jose Bernardo da Silva; *A Mulher de Antigamente e a Mulher de Hoje em Dia*, Manoel Monteiro; *Anaide Beiriz*, Josafá de Orós; *A chegada da prostituta no céu*, J. Borges.

O presente texto que ora apresento se divide em três capítulos, o primeiro apresenta como discussão o surgimento da literatura de cordel no Brasil, destaca suas características e o contextualiza enquanto objeto de pesquisa, recurso metodológico ou fonte, isto é, documento, e tem como título - *O Cordel como Documento Histórico* -; o segundo capítulo - *A Mulher na História e no Cordel* – apresenta a discussão do conceito de gênero e a contribuição da historiografia da mulher e das teorias feministas dos anos 1960-70 para o estudo do tema, isto é, da construção e desconstrução do feminino. O terceiro e último capítulo - *O Cordel e a Mulher*: traz uma discussão acerca das narrativas a partir dos conceitos da história cultural e da representação.

Capítulo I

1.0 O CORDEL COMO DOCUMENTO HISTÓRICO

O cordel é uma fonte de pesquisa que possui suas peculiaridades, e é oriunda da cultura popular. Segundo ARAÚJO (2010) essa literatura se caracteriza por apresentar um conjunto de elementos culturais específicos da sociedade, de uma nação ou região. Elementos que se perpetuam por várias gerações em muitas culturas, pela tradição oral e pelos contadores de histórias, mas que possui traços da literatura “formal”, isto é, erudita.

Com sua estrutura métrica e o uso de uma linguagem figurada em suas narrativas aborda temas do cotidiano, como relações amorosas e crenças populares, mas também podem tratar de questões políticas e sociais. Isto é, seu repertório é amplo e diversificado.

Com a diversidade de assuntos que aborda e com uma linguagem poética visual, a mistura de signos verbais e linguagem icônica, o cordel tornou-se fonte de inspiração para grandes escritores como Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e Ariano Suassuna. Os folhetos também passam a figurar entre os temas de pesquisas acadêmicas para Clarice Barbosa, 2010 Em sua tese: *As representações indentitárias da mulher na literatura de Cordel: do Século XX ao XXI* e em artigos como os de Ângela Grillo (2007)

1.1 O Surgimento e a Popularização da Literatura de Cordel

A literatura de cordel parte da poesia popular e segundo alguns estudiosos nasce com o renascimento europeu, quando as poesias dos trovadores passaram a ser impressas e ganharam uma maior circulação. Foi no século XVIII que este tipo literatura ou poesia ganhou destaque e chegou ao Brasil, porém (GRILLO, 2012. P. 20) defendem que a chegada do cordel se deu já no início da colonização portuguesa.

Conforme ARAUJO (2010. P.4) os precursores da literatura de cordel no Brasil foram os cantadores Silvino Pirauá e posteriormente a dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista.

Quase sempre os cordelistas também chamados de cantadores, haja vista a raiz do cordel está à poesia trovadoresca europeia e no Nordeste brasileiro os violeiros. Segundo os estudos de ARAUJO (2010). O cordel é uma modalidade impressa de poesia, que já foi muito estigmatizada, mas que hoje em dia é bem aceita e valorizada, passando inclusive os seus autores a possuir uma Academia Brasileira de Literatura de Cordel que se encontra localizada na cidade no Rio de Janeiro, a ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel).

Atualmente uma das características destacadas do cordel pelos seus estudiosos é o fato da mesma ter se instituído como literatura independente, isto é, uma literatura singular, que se manteve viva com suas especificidades culturais.

Porém, que aos poucos se tornou reconhecida e valorizada com destaque para os famosos cordéis como: *Morte e Vida Severina*, *O vou do Guará Vermelho* e o *Romance do Pavão Misterioso* entre outras obras de cordelísticas que se tornaram literatura obrigatória em exames do vestibular (UEPB, 2009), assim como fonte de pesquisa para trabalhos monográficos e teses, antes mencionados.

O cordelista possui uma forma peculiar de ilustrar as suas obras, isto é, os livretos, a arte da **xilogravura**, que é uma técnica de impressão de gravura através de entalhamento de imagens em moldes de madeira, que por muito tempo foi realizada pelos próprios autores dos versos, atualmente essa prática vem caindo em desuso devido aos inúmeros recursos de impressão.

Por se tratar de uma modalidade de literatura popular, esta tem preço baixo e é comercializado em locais populares como feiras e praças e por isso essa literatura atinge grande público. Quanto a sua estrutura rítmica e literária, o cordel pode se apresentar da seguinte forma: sextilha (estrofes com seis versos), quadra (estrofes com quatro versões) e Septilha (estrofes com e sete versos) além dos cordéis contendo parágrafos com versos livres. A grande maioria dos cordéis é narrada em forma de poesia, porem existem cordéis em forma de prosa.

1.2 O Cordel Enquanto Discurso.

Conforme BORGES (2010) a utilização da literatura de cordel como forma de representação do passado se firma no estudo da história cultural e aponta caminhos para o estudo de narrativas históricas pelo viés da literatura popular, porem deve-se ao historiador o exame minucioso necessário no uso das fontes, haja vista, o teor subjetivo impresso nessas produções.

A maneira com que os discursos se proliferam na literatura de cordel é o que torna a sua análise mais complexa, pois os textos são produzidos com fortes características da cultura popular nordestina, com linguagem típica da região e como palavras desconhecidas ou que caíram em desuso.

Essa produção é feita para que a sua leitura se processe de forma rápida e simples através de uma escrita poética que usa a rima e para que seja lida informalmente: como historias lendárias e heroicas, marcadas por hipérboles, aliterações, personificações e numa rítmica que proporciona fluidez do texto, deixando implícito a problemática central do texto.

[...] Partindo do pressuposto de que a história como conhecimento é sempre uma representação do passado e que toda fonte documental para produzir também o é, procuraremos representar aqui algumas reflexões acerca das relações estabelecidas entre a história e a literatura [...] (BORGES, 2010. P 1)

A literatura de cordel na atualidade é utilizada como artefato na produção acadêmica, como fonte de pesquisa plausível na configuração de épocas e de narrativas sobre o passado, e que colaboram com o trabalho do historiador.

Capítulo II

2.0 A MULHER NA HISTÓRIA E NO CORDEL

Conforme SOHIET, (2003) em *História das Mulheres História de Gênero; um depoimento*. Está aborda à vontade política das historiadoras em conceder as mulheres o estatuto de sujeitos históricos. Essas historiadoras manifestam sua inquietação quanto ao potencial de epistemologias do pós-estruturalismo para elaborar uma visão não determinista que coloque as mulheres como sujeitos da história.

Essas discussões superam o determinismo que viam na diferenciação entre sexo e gênero, como fator unívoco que provocara a subordinação da mulher, onde o sexo era o determinante de sua condição, e onde as normas de gênero condicionavam a mulher a um papel de inferioridade numa relação binária de oposição e conflitos entre o feminino e o masculino. SOHIET (2003) citando SCOTT, argumenta a favor da superação de teorias deterministas que enfatizam o caráter socioeconômico e biológico, em favor de teorias que se aproximem com o pós-estruturalismo.

Nesse sentido, segundo Scott, os estudos sobre gênero devem apontar para a necessidade da rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária “masculino versus feminino” e a importância de sua historicização e “desconstrução” nos termos de Jacques Derrida – revertendo-se e deslocando-se a construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como óbvia ou como estando na natureza das coisas. (SOHIET,1998)

Conforme GOUVEIA (1999, p.23) na nossa sociedade o feminino e o masculino são opostos e também complementares. Onde na maioria das vezes o que é masculino tem mais valor através de uma imposição baseada apenas em características biológicas e fundamentadas em relações familiares baseada na estrutura patriarcal que determina o comportamento das mulheres no ambiente privado e que transcende para o público restringindo a independência política das mulheres

O processo de emancipação da mulher vem ocorrendo gradualmente ao longo da história, fruto das lutas políticas e dos movimentos sociais, sobretudo do movimento feminista que terá como marco inicial os anos de 1960-70.

Até muito pouco tempo a mulher não ocupava determinadas posições/funções na sociedade por determinações biológicas. As mulheres tinham como principal função a

domesticidade, isto é, donas de casa, mães e esposas conforme analisa Margareth Rago, (1995) em *As Mulheres na Historiografia Brasileira*. A partir da década de 1970, quando sociólogas, antropólogas e historiadoras procuraram encontrar os rastros da presença das mulheres no cotidiano da vida social, desponta toda uma preocupação em identificar os signos da opressão masculina e capitalista sobre elas.

As diferenças estão presentes não apenas nas relações pessoais do ambiente privado, pode-se verificar também tais distorções presente na divisão do trabalho social, bem como seus desdobramentos econômicos com a supervalorização das atividades definidas como masculinas e desvalorização das atividades consideradas femininas.

Na maioria das sociedades, as atividades de cuidar de crianças, preparar comida, cuidar da casa, dar educação das crianças tem historicamente atribuições femininas. Porém Raquel Soihet (2003) salienta que não se deve prender ao binômio dominação/subordinação como terreno único do confronto

“Apesar da dominação masculina, a atuação feminina não deixa de se fazer sentir, através de complexos contra poderes: poder maternal, poder social, poder sobre outras mulheres e "compensações" no jogo da sedução e do reinado feminino.” (SOHIET, 2003. P.10).

2.1 A Historiografia da Mulher nos Anos de 1980

A Historiografia da Mulher oriunda da década de 1980 contribui teoricamente para o estudo do feminino na literatura de cordel fazendo apontamentos para esses discursos de submissão que prevalece na nossa cultura, e que tentam cristalizar o papel social da mulher, apenas como dona de casa, progenitora, fiel, devota da religião católica e de seus dogmas e submissa a vontade do homem conforme os escritos de DEL PRIORI (1993).

As mães, chefes da maioria das casas e das famílias mantenedoras dos seus fogos domésticos, foram eleitas como responsáveis pela interiorização dos valores tridentino. O casamento indissolúvel, a instabilidade conjugal, a valorização da família legítima- espécie de fermento a cristandade- apresentadas como recompensa e conforto frente a generalizada situação de abandono por parte dos homens-maridos-companheiros-pais. (Del Priori, 1999, p.64).

O discurso religioso perpetuado principalmente pelo catolicismo foi um dos propagadores do papel social de submissão da mulher, como responsável pela disseminação do pecado e naturalmente propensa a traição. Grande parte da literatura de viés religioso deixa explícito, isto é, constrói a ideia da mulher como pecadora e fraca o que legitimaria a

dominação masculina. O homem/masculino como representação da razão, da força, da autoridade, em contraponto a mulher/feminino enquanto emoção, debilidade.

Conforme (Certeau, 1998), o consumo, ou seja, a forma como as mulheres absorvem a carga discursiva que as oprimem e fabricam resultados diferentes do esperado pelo opressor. Assim como Certeau observou as diversas formas de interpretação do conteúdo televisivo na França na década de 1970.

Outros discursos também apresentam inúmeras variáveis na sua recepção, pois em muitos casos, por exemplo, a mulher procura meios para digerir ou fugir das diversas formas de opressão que configuram a violência simbólica.

Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que organizam e delimitam (...). Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício. (Certeau apud Foucault, 1979:182)

CAPITULO III:

3.0 O CORDEL E A MULHER.

Conforme Margarete Rago, (1995). Os estudos sobre a mulher têm a preocupação em resgatar a presença das mulheres pobres e marginalizadas, trabalhadoras ou não como agentes de transformação, capazes de questionar na pratica as inúmeras mitologia e misoginias elaboradas por homens de ciência para justificar sua inferioridade perante eles, nas mais diversas esferas sociais como intelectual, negócios e da política.

Historiografia que emerge como uma nova forma de pensar a mulher, como um sujeito histórico autônomo que foge aos tradicionais paradigmas explicativos como o estruturalismo, e aproximando-se mais do pós-estruturalismo, através da episteme da representação que tem pressuposto na história das mentalidades, mas que se distingui pelo fato de romper com as dicotomias: popular/erudito; verdade/ficção, feminino/masculino em prol de teorias que expressão na apenas rupturas, mas continuidades. Na compreensão de artefatos culturais que explicam as mais diversas questões sociais como a configuração da Mulher na literatura.

3.1 A mulher que Colocou o Diabo Dentro de uma Garrafa

Jose Francisco Borges, considerado um dos principais cordelistas do Brasil, o seu trabalho ganhou destaque internacional em matérias no jornal americano The New York Times. (2002).

Borges construiu seus cordéis abordando temas como: o cotidiano dos pobres, o amor, o cangaço, milagres e também produziu a biografia do Frei Damiao de Bolzano. Além da literatura, Borges trabalhou na construção de faixadas de igrejas, daí sua relação com a religiosidade popular visível em seus cordéis.

A mulher era fiel
Mas ele a tocaiava
Brigava sempre com ela
Ela chorando jurava
Mas de toda forma ele
Na mulher não confiava.
(BORGES, p. 1)

Neste cordel o autor destaca a astucia da mulher ao “driblar” o seu marido, possivelmente devido a vigilância acirrada em que este a mantinha decorrente da não desconfiança do homem na mulher.

Até que chegou um ponto
Dele espancar ela, um dia,
Ela apanhando e dizendo
Que aquilo não merecia,
E era de chegar a hora
Que ela se vingaria.
(BORGES, p.4)

Essa desconfiança levou-o a prática da violência física contra a esposa, como demonstrado no verso acima. Isto é, a violência física da qual a mulher se torna vítima decorre de uma representação do feminino que atribui a mesma uma “natureza perversa e traidora” ainda que seu comportamento de fato nada revele a esse respeito. As relações de gênero como construção social, criam desigualdades fazendo com que determinados sujeitos (o masculino em nossa sociedade) exerçam mais poder sobre os outros (feminino/mulher) e devido às convenções tem suas práticas ainda que injustas legitimadas.

Na análise desses discursos ficou nítido o paradoxo que envolve a mulher nessa relação de gênero, pois ou estas se submetem a violência, se calam e assim a atual sociedade faz duras críticas pela sua passividade, ou se ela reage recai todo tipo de discursos negativos e até pejorativos diante da situação de opressão.

O moleque disse: eu topo
se a senhora for pelada
e quero saber da senhora
a aposta solicitada
e vamos cair na água
nessa noite enluarada.

A mulher disse: a aposta
é para nós dois mergulhar
e se eu sair primeiro
você vai me tocar
pra o resto da minha vida
sem eu lhe atrapalhar.

O moleque disse: aceito,
e se eu sair primeiro?
Ela disse: eu lhe boto
numa garrafa ligeiro
bato a cortiça e do mundo
você não sente nem cheiro.
(BORGES, P. 8)

A mulher é taxada como astuciosa, maquiavélica, traidora, vingativa e outros adjetivos negativos. Assim a produção discursiva cordelística traz à tona esse caráter ambíguo da mulher nas relações de gênero, onde nem sempre o sexo masculino tem o poder sobre o feminino.

Nessa abordagem, J. Borges mostra como a mulher é capaz de se colocar mediante atitudes de repressivas tais como o ciúme, mostrando a sua astúcia e insubmissão mediante o seu companheiro conseguindo burlar as mais diversas formas de repressão.

3.2 Sansão e Dalila

Não existe homem forte
Nas seduções da mulher
Com carinho ela engana

As vezes que muito quer
E sendo pela vingança desfaz
Desfaz o próprio mister.

Dalila falou a sansão
Conta-me de onde vem
Essa força extravagante
Que não a possui ninguém
Como poderás ser preso
Eu quero saber também.
(SILVA, p. 1)

Cordel de João José da Silva^{*1}, autor dos versos acima trata do personagem bíblico feminino Dalila, e neste reproduz a tradição bíblica que a representa como sedutora, traiçoeira e manipuladora, ao cortar o cabelo do companheiro Sansão, de onde provinha a sua força física. A atitude de Dalila é motivada em defesa de seu povo adversário de Sansão.

A caracterização de Dalila como figura maléfica pode variar conforme a visão de quem a observa, haja vista, que está agiu para defender os interesses de seu povo em detrimento de seus inimigos representados por Sansão, porém no discurso bíblico a imagem que se disseminou foi de uma mulher cujo ato tornou-se sinônimo de astúcia e traição. Tendo agido contra o seu companheiro em favor de seu povo.

Dalila também transpôs os ditames das relações de gênero, uma vez que política e guerra (a dimensão pública) não é lugar de mulher. A arma utilizada por ela foi a sedução, atitude condenável até para os dias atuais, e esse foi o recurso empregado por Dalila para conseguir a vitória de seu povo diante de seu inimigo. Algo que se observa na disseminação nesses discursos são as generalizações negativas do feminino e conseqüentemente da mulher e a produção de imagens negativas da mesma.

De outro modo, Dalila pode ser pensada como uma mulher forte, fiel e obstinada e que em uma situação de se posicionou em favor do seu povo e contra o seu companheiro. As

^{* 1} Nasceu em 24 de junho de 1922, em Vitória de Santo Antão-PE em 1947 tornou-se profissional da poesia, escrevendo então seu primeiro livro em verso, *O Macaco Misterioso*.

uniões entre os sexos e as relações familiares na antiguidade eram marcadas predominantemente pelo patriarcado, que via nos casamentos arranjados uma forma de perpetuar o patrimônio, ou de manter a linhagem familiar. Dessa forma uma união como a de Sansão e Dalila fugia totalmente a lógica dos matrimônios arranjados típico dos povos hebraico/judeus da época. Além disso, os dois pertenciam a povos que possuíam outras diferenças, Dalila era filisteia, politeísta, Sansão hebreu e monoteísta, isso provocava muito mais conflitos que culminaria com a “traição” de Dalila a partir do discurso bíblico que se tornou hegemônico sobretudo para os cristãos e para o Ocidente.

3.3 Dona Flor e Seus dois Namorados

O seu pai dizia assim
Filhinha tome tenência
Acabe com o motim
Vê se age com decência

Namore com um só rapaz
Você está solta demais
Esse comportamento
Vai lhe trazer prejuízo
Moço que tem juízo
Não lhe quer pra casar.

Depois, então, arrumou.
Um juiz bem sucedido
A cidade comentou:
Agora ela achou um marido
Vou de falar minha cara.

Juiz da segunda vara
Era pouca coisa só,
Ela dizia assim:
□ Juiz do bom pra mim,
Tem que ter vara maior.

Andou com tal banqueiro
Que se chamava Osmundo
Este, sim tinha dinheiro.
Pra investir no seu fundo
Mas dele ela se desfez
Com pouco menos de um mês
Outro estava a namorar
Este era bom perfumista
Mesmo assim não lhe conquista
Pois só sabia cheirar.
(JOBS, p.5)

Escrita por Bastinha Jobs, cordelista, professora e responsável pela inclusão da disciplina de Literatura Popular do Curso de Letras da Universidade Regional do Cariri, Bastinha Jobs vem desenvolvendo o seu trabalho poético desde a infância. Seu lugar de trabalho tem sido a academia de cordéis do Crato-CE. No cordel supracitado a autora coloca

em discussão a poligamia feminina que é duramente criticada em nossa sociedade, enquanto a praticada pelos homens apesar de mau vista, é socialmente relevada. Mas se a mulher comete o adultério, esta é submetida as mais diversas críticas, não pelo fato da traição em si, mas pelo fato desta ser mulher e não poder jamais quebrar com os laços de fidelidade e monogamia defendido pelo patriarcalismo, passando a ser consideradas levianas, “raparigas”, infiéis.

Não que isso justifique a pratica da poligamia que até mesmo nos nossos dispositivos jurídicos é considerado crime, mas que é socialmente diferenciado pela questão de gênero. Se a mulher comete adultérios ou tem vários parceiros esta é duramente criticada no seu ambiente privado e no seu círculo social, já o homem sofre muito menos repressão.

Conforme artigo da revista CONTEMPORARTES, (2014). No início da literatura de cordel, na Europa, ainda na idade média, era vetada as mulheres a poesia em âmbito público, apenas os homens declamavam as poesias, nos castelos e burgos, porem na vida privada as mulheres conservavam as leituras dos romances, inclusive quando os declamadores eram questionados sobre a autoria das poesias, estes afirmavam que possuíam linhagens femininas, ou seja, eram composições de mulheres.

Conforme o artigo a primeira mulher a publicar um cordel, foi no ano de 1938 por Maria das Neves Batista com o pseudônimo de Altino Alagoano, mas temática, mas os escritos ainda reproduziam os valores temáticos masculino, retratando uma mulher virtuosas e dada aos bons costumes da família marcada pelo patriarcalismo.

Só recentemente esses valores foram deixados de lado, por poetisas como Salete Maria, Dalinha Catunda, e a própria Bastinha Jobs que buscam firmar suas próprias visões de mundo ora por valores políticos, por clamores sociais, ou por igualdade de direitos.

3.4 O Homem gosta de mulher e mulher gosta de dinheiro.

Conforme o cordel intitulado: O Homem gosta de mulher e mulher gosta de dinheiro de José Leite da Costa** que é um cordelista natural da cidade Sapé-PB. Além de escrever cordéis também faz xilogravuras, algo comum entre cordelistas que na sua maioria trabalham na confecção dos desenhos que ilustram as suas obras a partir desses moldes de madeira.

Neste cordel ele faz referência à mulher como aquele ser que está acima de tudo interessada em dinheiro, talvez pelo papel em que as mulheres estavam inseridas, como

* ² Nasceu em 27 de julho de 1927 na cidade Sapé-PB. Em 1947 começou a sua atividade como poeta, escrevendo o seu primeiro trabalho intitulado: Eduardo e Alzira.

dependentes economicamente dos homens, e pelas poucas oportunidades que estas tinham, até certo tempo no que concerne ao usufruto de dinheiro, as oportunidades no mercado de trabalho e a própria estrutura familiar patriarcal.

O homem quando é casado
Gasta tudo quanto tem
Com sua esposa, seu bem
Sem sentido apaixonado
Lutando como um danado
Dando murro o tempo inteiro
De um a outro janeiro
Pra dar tudo qu'ela quer
O homem gosta de mulher
Mulher gosta de dinheiro.
(COSTA, P.1)

Além da questão do apego ao dinheiro esse cordel fala também da infidelidade feminina que é mantida com os seus maridos de forma que a questão financeira pode manter o relacionamento estável, caso o contrário a infidelidade acontece, segundo o cordel.

Mulher que na hora vaga
Bota chifre escondido
Nem ama outro que paga

Um desconhecido afaga
Vendo o dinheiro primeiro
Com dinheiro no roteiro
Ela faz o que puder
O homem gosta de mulher
Mulher gosta de dinheiro.
(COSTA, p.5)

Nesse cordel, o autor também vai evidenciar as diferenças de gosto entre homens e mulheres, colocando a mulher como aquela que só se apega aos bens materiais e a outros homens, em detrimento ao homem que tem outras preferências.

Conforme GOUVEIA, 2004. Nas relações de gênero o “trabalho produtivo” uma das heranças das análises marxistas, foi associado ao masculino. Todavia como nos dirá Rago e De Decca, 1982. O trabalho não é só coisa de homens, as mulheres também desempenharam ao longo da história vários papéis como produtoras de riquezas.

Entretanto ainda persiste a associação do feminino a dimensão doméstica, uma vez que mesmo trabalhando fora a mulher continua sendo a principal responsável pelas atividades do lar e da família, o que se chama de “dupla diária de trabalho”. Com o mercado de trabalho organizado por sexo, o preço da mão de obra também varia conforme o gênero. As pesquisas mostram que as mulheres recebem os salários mais baixos. Isso implica dizer que quanto maior a desigualdade nas relações de gênero maior a desigualdade na divisão do

trabalho e na remuneração das trabalhadoras. Um estudo realizado recentemente pela Confederação Sindical Nacional mostrou que, dos vinte países pesquisados, o Brasil é o que apresenta a maior diferença salarial entre os sexos. Por aqui, as mulheres recebem em média 34% menos que os homens que desempenham a mesma função, enquanto a média dos outros países é de 22%. (MONTERISE, 2015).

Outros discursos pejorativos são aqueles que criam uma imagem da mulher como interesseira vem desde muito antigamente, quando os casamentos eram arranjados conforme a situação do noivo. Podemos citar o texto História do Amor No Brasil. DEL PRIORI, (2006).

Em que está mostra que na maioria das vezes os enlaces matrimoniais não ocorriam por motivos de amor ou quaisquer sentimentos afetivos, os casamentos podiam ocorrer como uma forma de controle social e moral e também para manutenção da riqueza das duas famílias que teriam que ter o mesmo status, e mesmo o casamento ocorrendo entre pessoas do mesmo nível financeiro, a mulher continuaria no seu papel de submissão.

Dessa forma essa imagem foi cristalizando a figura da Mulher como interesseira, haja vista também que a mulher não tinha a independência econômica e as oportunidades de emprego que possuem hoje. Mas veremos como esse cordel vai formatar esse discurso.

O homem gosta de carinho
E a mulher gosta de (grana)
O homem gosta de baiana
A mulher gosta do vizinho
O homem gosta de toucinho
A mulher gosta de leiteiro

O homem gosta do tempero
A mulher gosta do chofer
O homem gosta de mulher
A mulher gosta de dinheiro.
(COSTA, p.8)

Além da questão do apego ao dinheiro esse cordel fala também da infidelidade feminina que é mantida com os seus maridos de forma que a questão financeira pode manter o relacionamento estável, caso o contrário a infidelidade acontece, segundo o cordel.

Assim a imagem que se dissemina com relação à mulher é a de uma pessoa que valoriza exacerbadamente o dinheiro, o luxo, o bem-estar social proporcionado por um bom casamento. Embora na sociedade atual a mulher se mostre cada vez mais independente financeiramente do homem.

3.5 O Bataclan Moderno

Escrito por Jose Bernardo da Silva*, o cordel a seguir trata da vestimenta feminina atual, que expõe o corpo da mulher em contraposição a vestimenta das mulheres de outrora, e nesse sentido, contrapõe a moral da mulher de antigamente e a da mulher moderna

Mundo velho desgraçado
Teu povo precisa de um freio
Para ver se assim melhora
esse costume tão feio
de uma moça semi nua
Andar mostrando na rua
Sovaco perna e seio

De primeiro uma donzela
Andava bem prevenida
Se acaso ia um passeio
Encontrava-se ela vestida
Hoje essa mesma donzela

A moda obrigou a ela
Sair pra rua despida.
Inda tem mulheres
De uma rara formosura
Mas quando faz um vestido
È pouco abaixo da cintura

No lugar que ela aparece
Até um morto estremece
Diante aquela figura.
SILVA, p.1

As senhoritas de agora
É certo o que o povo diz
Não há vivente no mundo
Da sorte tão infeliz
Vê-se uma mulher raspada
Não se sabe se é casada
Se é donzela ou meretriz

Trás a cabeça pelada
Bem raspadinho o cangote
O vestido que ela usa

Tem três palmos de decote
Sendo de frente ou de banda
Vê-se bem quando ela anda
O seio dando pinote.
(SILVA, p.4)

Além da crítica à vestimenta o autor ressalta o cabelo “raspado/pelado”, isto é, provavelmente curto, usado pelas mulheres, prerrogativa anteriormente exclusivamente masculina, sem esquecer o cabelo longo também associado ao véu, a pureza da mulher. O

* Nasceu no dia 2 de novembro de 1901, em Alagoas, começa a difusão do seu trabalho e 1949 com a compra de uma editora.

que se vê então são duas representações do feminino, uma ideal/moral a mulher de antigamente, a “donzela”, recatada e do lar, e de outro, a “meretriz”, transgressora das normas.

Daí o título: O Bataclan Moderno. O Bataclan é uma famosa casa de espetáculo retratado na obra *Gabriela Cravo e Canela, de Jorge Amado*, por isso a comparação com a atual forma de vestir feminina moderna, algo semelhante às roupas das prostitutas do Bataclan.

O uso desses costumes não é apenas criticado, como também condenado pela igreja, defensora do pudor e da moral através da proibição dos sacramentos a essas mulheres, como prossegue os versos.

Bem fazem os padres
Não darem mais comunhão
Às mulheres seminuas
Que para igreja vão
A coisa bem repara
A qual grande cusparada
Na santa religião.

....

Porém alguns pais de família
Alguns maridos também
Deixam filhas e mulheres
Quando critérios não têm
Como é um homem da roda
Seguindo a maldita moda
Acha que está muito bem.
(SILVA, p.5)

O cuidado com o corpo também é alvo de críticas sendo depreciados os cuidados como a depilação e a higiene que é confundido com a vaidade, um dos sete pecados capitais, conforme mostra as estrofes citadas acima.

A imagem patriarcal se mostra muito forte como disciplinador e moralizador da família controlando as roupas e costumes das filhas que tem que obedecer, sendo a opinião da mãe quase neutra nas decisões.

3.6 A Mulher de Antigamente e a Mulher de Hoje em Dia

Escrito por Manoel Monteiro*, o cordel fará uma comparação entre a mulher em tempos de outrora e a mulher atual, com todas as mudanças que ocorreram no que diz respeito a posição

*Nasceu na cidade de Bezerros-PE em 4 de fevereiro de 1937, mas morou em Campina Grande desde 1955, onde difundiu a literatura nas escolas campinenses.

da mulher na sociedade contemporânea, começando pela clássica história bíblica de Adão e Eva, na qual Eva é a grande responsável pelo desvio da conduta e da moral humana.

O cordelista também de forma preconceituosa trata a emancipação da mulher em diversos campos, como no trabalho, na política, antes dominado quase que exclusivamente por homens.

No comecinho do mundo
Tudo era bem diferente,
Trabalhar não precisava
Adão vivia contente,
só arruinou ao juntar-se
Eva, a maçã e a serpente.

Por isso estão todo dia
Tomando o nosso lugar
Se continuar assim
Só o que vai nos sobrar
É o tanque de lavar roupa
E o ferro de engomar.

Em toda repartição
tem uma mulher mandando,
Elas estão assumindo
Todos os postos de mando
Enquanto isso no lar
tem muita mulher.

A mulher hoje é igual
A um homem destemido
Lavar prato, passar roupa?
Acha que é tempo perdido
Mas se vê uma barata

Grita chamando o marido.
Antigamente a mulher
Pelo seu instinto nato,
O serviço que fazia

Era “ver” lenha no mato,
Catar pulgas em cachorros
E limpar bosta de gato
naquele tempo a mulher
Era um ser quase divino
Vivia para o marido
E para fazer menino.

Mulher não falava grosso
Homem não falava fino!
(MONTEIRO, p.4)

Destaca a antiga posição da mulher no âmbito familiar e doméstico, e exclusivamente a serviço do marido e dos filhos, como mera reprodutora, qualidade que o autor denomina de “instinto nato”, ou seja, a natureza feminina. Os lugares que elas podiam frequentar eram muito limitados, as roupas e os cuidados com o corpo, como já mostrado

anteriormente em outros cordéis, eram rigorosamente controlados. Em nome dos bons costumes de moças ou mulheres de família.

Houve um tempo que a mulher
Era bicho conhecido:
Usava saia godê
Blusa de manga, vestido.
Longo, anágua, manga e xale,
Cabelo sempre comprido.

Não raspava sobrancelha,
Nem sovaco, nem pentelho,
Para rouge ou batom
Tinha que pedir conselho,
Califon de meio corpo,
Calçola até o joelho.

Mas para andar? Era livre,
do terreiro pra cozinha,
no resto era proibida,
Na sala a mulher só vinha
Se fosse pra trazer água
Ou para tanger galinha.

Mulher só ficava nua
No dia do nascimento,
Ou quando tomava banho
Mas fora desse momento
Eu acredito que só
Na noite do casamento.

Hoje são muito folgadas,
Escolhem até profissão,
Querem se igualar a nós
Só falam em liberação
Umas já dirigem trem
Outras pilotam avião.
(MONTEIRO,p.5)

Conforme Monteiro havia muitas restrições para a mulher tanto no âmbito público quanto privado, de forma que a mulher de forma que nem no seu lar a mulher tinha tanta liberdade como se a ideia de Gineceu* permanecesse anacronicamente nas famílias mais tradicionais. E no ambiente público também o cordelista aponta como as mulheres evoluíram dentro da lógica do mercado de trabalho, e se outrora havia uma divisão sexual do trabalho, hoje a mulher já ocupa cargos que em tempos anteriores não se imaginava, como piloto de avião

3.7 Anaide de Beiriz: política, inspiração e tragédia.

Escrito por Josafá de Orós, sociólogo, poeta e historiador, membro do instituto histórico do Cariri trabalha com diversos temas em seus cordéis. A literatura de cordel também produz cordéis do tipo biográfico para destacar figuras conhecidas, tais como Padre

Cicero, Lampião, Juscelino Kubistchek e outros e como também mulheres que se destacaram em seu tempo tais como Maria Bonita.

A retratada nesse cordel é Anaide Beiriz. Com papel de destaque na história da Paraíba e principalmente na chamada revolução de 1930, foi companheira de João Duarte Dantes responsável pelo assassinato do então presidente da Paraíba, João Pessoa.

Está sempre se destacou pela sua atuação no meio político e intelectual, como jornalista, professora e poetiza, algo que incomodava a sociedade da época, também pela forma como se vestia e se colocava com opiniões firmes e até mesmo contrárias a do seu companheiro. Em um contexto de extrema instabilidade política que atravessava a Paraíba. Assim esta tem sua história contada em diversos meios inclusive na literatura de cordel.

Poetiza e professora
Anayde foi vanguarda
Protestou, recusou farda.
Da tradição foi vassoura
E varreu muitos Conceitos
Ela fez valer seus pleitos
No grito na difusora.

De tudo que se esperava
Uma mulher não fazer
Sua vontade reter
Anayde recusava
Usava cabelo curto
Roupas: Eram-lhe de surto
Ela escandalizava.

Anayde Beiriz (1905-1930) foi uma visionária para o seu tempo (1920-1930). E por isso muito criticada pela sociedade da época, pois esta não aceitava as imposições sociais de uma época em que a figura do homem era onipresente nas principais esferas sociais, e às mulheres restava uma série de restrições que as colocava a margem das decisões políticas.

Porém Anayde destoou das demais mostrando sua força como pessoa atuante e capaz de questionar as imposições sociais de uma época em que os homens davam a última palavra. Anayde foi internada em um manicômio na capital do estado onde faleceu em 1930, sem uma causa definida.

3.8 A chegada da prostituta ao céu

Sabemos que a prostituta
é também um ser humano
que por uma ilusão
fraqueza ou desengano
o seu viver é volúvel

sempre abraça a o engano

Vive metida em orgia
e cheia de vaidade
é raro uma que trabalha
e usa honestidade
por isso fica odiada
perante a sociedade

Todas as religiões
pra ela escala uma pena
se o homem lhe abraça
a mulher casada condena
mas sabemos que Jesus
perdoou a Madalena

Falar sobre prostituta
é um caso muito sério
que é um ser sofredor
sua vida é de mistério
e para sobreviver
sempre usa o adultério

(BORGES, p.1-2)

Mais uma obra de autoria de J. Borges esta trata de um tema muito estudado no que se diz respeito ao gênero bem como a própria mulher que é a prostituição. Temas trabalhados por historiadoras que estabelecem um diálogo entre a história e as ciências sociais na apreensão de problemáticas que envolvem a mulher tal como a prostituição.

Raparigas pelas Ruas de Santana: Cotidiano e Policiamento de Mulheres Trabalhadoras (Rio de Janeiro 1905-1925). GARZONI, L. C, (2007) e inúmeros outros trabalhos que falam a respeito do tema. Dessa forma este livreto retrata com uma linguagem diferente do texto supracitado (cordel) mais que evidencia a forma como a prostituição e a prostituta são vistos pelo meio em que estão inseridas.

As duas primeiras páginas deste cordel mostram como a prostituta e a prostituição são encaradas pela nossa sociedade e pelas religiões pelo estereotipo de Madalena, enquanto disseminadoras dos vícios e da luxuria, destruidora das famílias. Condenando estas em vida pelos mais diversos tipos de preconceito e violência. E também aos castigos que viram após sua morte.

Aconteceu que uma delas
morreu em um certo dia
e pela vida que levava
o povo sempre dizia
ela vai para o inferno
pelos atos que fazia

Assim que foi enterrada
a alma se destinou

querendo ir ao céu,
mas primeiro ela passou
pelo portão do inferno
e o diabo lhe acompanhou

Saiu correndo atrás dela
dizendo vem cá bichinha,
um bocado como tu
faz tempo que aqui não vinha
e eu estou gamadão
nesta garota novinha
(BORGES,p.2)

As duas primeiras páginas deste cordel mostram como a prostituta e a prostituição são encaradas pela nossa sociedade e pelas religiões pelo estereotipo de Madalena, enquanto disseminadoras dos vícios e da luxúria, destruidora das famílias. Condenando estas em vida pelos mais diversos tipos de preconceito e violência. E também aos castigos que viram após sua morte.

Perante a sociedade
ela é marginalizada
existe umas mais calmas
e outras mais depravadas
e quem tem mais ódio delas
é a própria mulher casada
(BORGES, p.4)

Em seguida ressalta que mesmo depois de morta a mulher continua atraindo os homens a sua volta para o pecado.

Após a análise dos cordéis vimos que são diversos os discursos que constroem a identidade feminina na literatura de cordel, seja pelo viés do patriarcalismo que se apoia na religião e cria lugares fixos e imutáveis (Dona de casa, progenitora, fiel devota) para a mulher em um determinado contexto social, seja pela lógica do determinismo econômico, que ver a mulher como um ser incapaz num processo produtivo.

Ou seja, por uma forma diferente ver o sujeito Mulher. Uma forma de construção de identidade que ver a mulher como sujeito ativo da história capaz de usar a astúcia e insubmissão e se impor aos ditames masculinos colocando-se sujeitos ativos e transformadores da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho nos proporcionou novos olhares sobre as mulheres representadas na literatura de cordel, quebrando com um paradigma unívoco da mulher mediante diversas situações da sua vida particular ou no contexto social. Situações de repressão que na maioria das vezes as colocam como o “sexo frágil”. Em textos que expõem sua astúcia de forma negativa na comparação com Eva, às vezes sob uma ótica pejorativa; em cordéis que as colocam como gananciosas com interesse exacerbado pelo dinheiro; em escritos que desejam a mulher no seu lugar socialmente aceitável, ou seja, como dona de casa e “rainha do lar”. Mulheres que se destacam fora do seu lar ainda não são bem aceitas socialmente numa sociedade ainda é dominada por homens.

A literatura de cordel que durante muito tempo não era considerada nem sequer gênero literário, passa ser fonte histórica na elaboração de trabalhos acadêmicos, dada a sua importância na narração de histórias que apesar do possuir caráter ficcional e regionalizado desperta a atenção para questões importantes como o posicionamento da mulher tanto no espaço público como no espaço privado e revela-nos importantes aspectos do feminino e das relações de gênero.

Aliás a discussão acerca das questões de gênero é parte central desse trabalho, destacando que muito da repressão sofrida pela mulher ocorre pelas diferenças sexuais baseadas nas normas de gêneros, fundamentais para entender de que forma as diferenças entre homens e mulheres são construídas favorecendo um gênero e oprimindo o outro.

E como essa discussão se fundamentou em teorias feministas S. FIRESTONE, (1960) para entender os motivos que levavam a sujeição da mulher. As teorias sociais RAGO, (2001) também expressam aspectos que vão além de fatores biológicos, para tentar entender a opressão feminina que pode ser observada em vários tipos de textos assim como foi evidenciado na literatura de cordel, fatores como o patriarcado determinante para condição feminina no ambiente familiar. A divisão do trabalho, e as relações conjugais.

Além das teorias feministas e sociológicas o conceito de representação foi essencial para entendermos como se configuram os estereótipos na elaboração de identidades femininas marcadas por determinismos patriarcais, familiares e sociais que persistem, atribuindo as mulheres um lugar fixo e imutável na sociedade.

No entanto esta produção procurou expor também como as mulheres se portam diante de tais discursos pela reapropriação das práticas que procuram se configurar como natural, universal e perpetuas, observando que com passar do tempo às mulheres estão cada vez mais independentes econômica e politicamente.

E que as reformulações na forma de observar o sujeito histórico mulher começaram a mudar, ao passo que se evidenciou que as práticas de repressão, sujeição e subordinação as quais recaiam mais fortemente sobre as mulheres vem sendo resinificadas conforme estas se vêm como sujeitos de sua própria história, apesar do patriarcalismo e da hierarquia nas relações sociais. Dessa forma as mulheres se impõem diante das várias formas de violência simbólicas (preconceitos, discriminação, insultos e estereótipos) através da astúcia e da reapropriação de discursos que tentam oprimi-las.

REFERENCIAS

- ARAÚJO, Ana Paula. **O Bibliotecário em Ambiente Escolar: Literatura de Cordel como método de incentivo da leitura e escrita.** UFMG, 2010.
- BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. **As representações indentitárias femininas no cordel: do século XX ao XXI.** UFPE, Recife, 2010.
- BORGES, Valdecir Resende. **História e Literatura: algumas considerações.** In_ Ver. Teoria da história. UFGO, junho 2010.
- CARVALHO. Francismar Alex Lopes de. **O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier.** UFPR, Paraná, 2005.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano: As artes de fazer.** 3ª ed. Vozes, Petrópolis-RJ, 1998.
- DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil.** (Org.). Carla Bassanezi. 8 eds. – São Paulo: Contexto, 2006.
- FIRESTONE, Shulamith. **A dialética do Sexo: Um estudo da Revolução Feminista.** Labor do Brasil. Rio de Janeiro. 1976.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Org. e Trad. Roberto Machado. 4ª ed. Graal. Rio de Janeiro. 1984.
- GARZONI, L. C. **Raparigas pelas Ruas de Santana: Cotidiano e Policiamento de Mulheres Trabalhadoras (Rio de Janeiro 1905-1925).** Unicamp. Campinas-SP, 2007.
- GOUVEIA, Taciana. CAMURÇA, Silvia. **O que é Gênero.** 2ª ed. SOS Corpo. Recife. 1999.
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Evas ou Marias? As mulheres na Literatura de Cordel: Preconceitos e Estereótipos.** Revista Esboços, UFSC, 2007.
- PISCITELLI, Adriana. **Recriando A (CATEGORIA) MULHER.** Campinas, 2001.
- RAGO, Margareth. **As Mulheres na Historiografia Brasileira.** Silva, Zélia Lopes (ORG.). In_ Cultura Histórica em debate. – Campinas: UNESP, 1995.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar a Utopia de uma Cidade Disciplinar: Brasil 1890-1930.** Paz & Terra Rio de Janeiro. 1985.
- SANTOS, Josimari Viturino. **A literatura como fonte para história: Breves Considerações.** UFS, 2009.
- SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil para análise histórica.** Trad. Christine Rufino Dabat. New York, 1989.

SILVA, Tania Maria Gomes da. **Trajetória da Historiografia das mulheres no Brasil**. Politéia, Vitória da Conquista, 2008.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres e relações de Gênero**: debatendo algumas questões. UFF, 2010.

XAVIER, L.M. **As cordelistas. Literatura Brasileira**. Contemporartes. V 1. N 1. P. II-III. Jul. 2014.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS DE CORDÉIS

BORGES, José Francisco. **A chegada da prostituta ao céu**. 2004.

BORGES, José Francisco. **A Mulher que botou o diabo dentro de uma garrafa**. 2010.

JOBS, Bastinha. **Dona Flor e seus dois namorados**. 2012.

LEITE, José da Costa. **O Homem gosta de mulher e mulher gosta de dinheiro**. [SD.I.: s.n. 19]

MONTEIRO, Manoel. **A Mulher de Antigamente e a Mulher de Hoje em Dia**. Campina Grande, 2003.

ORÓS, Josafá. **Anaide Beiriz: Política, Inspiração e Tragédia**. In_ Paraíba Grandes Nomes. 2012.

SILVA, João José Da. **Sansão e Dalila**. Recife, 2012.

SILVA, José Bernardo Da. **O Bataclan Moderno**. Prop. Juazeiro do Norte. 16 páginas.